

SCHREBER E A ESCRITA: TRANSCRIÇÃO DO DELÍRIO E SEUS EFEITOS DE ESTABILIZAÇÃO¹

Bruna Musacchio Guaraná²

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

Marcus André Vieira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

RESUMO. A partir do paradigmático caso freudiano, baseado no livro de Schreber, o artigo destaca a importância, para o autor, da redação e sobretudo a posterior publicação do seu livro autobiográfico *Memórias de um Doente dos Nervos* (1905/1984). A ênfase do artigo recairá tanto na atividade de escrita do próprio autor de seu *Memórias*, incluindo sua repercussão no campo da psicanálise a partir da interpretação de Freud e Lacan, quanto à intenção de Schreber de torná-la pública. Ambos os trabalhos, a atividade de escrita e publicação do livro serão articulados ao conceito de *suplência* no ensino de Jacques Lacan. A hipótese do presente artigo é a de que tanto a escrita do delírio como a posterior publicação funcionaram como reforços na sua estabilização delirante. A primeira denominada aqui como transcrição do delírio funcionou como apoio à sua imagem pessoal e a segunda referente a tornar pública sua obra funcionou como sustento de seu nome próprio.

Palavras-chave: Schreber; escrita; estabilização.

SCHREBER AND THE WRITING: TRANSCRIPTION OF DELIRIUM AND ITS EFFECTS IN STABILIZATION

ABSTRACT. From the paradigmatic Freudian case based on Schreber's book, the present article highlights the importance, for the author, of the writing and especially the subsequent publication of his auto biographical book *Memoirs of My Nervous Illness* (1905/1984). The emphasis of this article will be on both the writing activity of the author of his *Memoirs*, including his repercussion in the field of psychoanalysis from the interpretation in Freud and Lacan, as well as on the intention to make it public. Both works, the activity of writing and publishing the book, will be articulated to the concept of substitution in the teaching of Jacques Lacan. Thus, the hypothesis of this article is that both the writing of delusion and its publication reinforced his delusional stabilization. The former, denominated here as transcription of delirium, worked as support to his personal image while the latter, referring to making his work public, worked as supports for his own name.

Keywords: Schreber; writing; stabilization.

SCHREBER Y LA ESCRIT: TRANSCRIPCIÓN DEL DELIRIO Y SUS EFECTOS DE ESTABILIZACIÓN

RESUMEN. A partir del caso freudiano paradigmático basado en el libro de Schreber, en el artículo se subraya la importancia para el autor, de la redacción y la posterior publicación de su libro auto-biográfico *Memorias de un enfermo de nervios* (1905/1984). El énfasis del artículo será ubicado tanto en la actividad de escribir del propio autor sus *Memorias*, agregando ahí la repercusión de esa obra en el campo del psicoanálisis con la interpretación de Freud y Lacan, cuanto la intención de Schreber tornarla pública. Los dos trabajos la actividad de escrita y publicación del libro

¹ Este artigo é produto da dissertação do mestrado defendida em março/2016 com o título: *Eles exageram no escrito: o ato de escrita e seus efeitos de suplência*. Sob a orientação do Prof. Marcus André Vieira, no departamento de psicologia da PUC-Rio.

²E-mail: brunaguarana@yahoo.com.br



serán articulados al concepto de *suplencia* en la enseñanza de Jacques Lacan. La hipótesis del presente artículo es la de que tanto la escrita del delirio como la publicación sirvieron como refuerzos en su estabilización delirante. La primera llamada acá de transcripción del delirio funcionó como apoyo a su imagen personal y la segunda referente a tornar publica su obra funcionó como apoyo a su nombre propio.

Palabras-clave: Schreber; escrita; estabilización.

Introdução

Daniel Paul Schreber foi um famoso paciente analisado por Freud a partir do livro autobiográfico *Memórias de um doente dos nervos* (1905/1984). Em seu livro dedicado à Schreber, *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranóides)* (1911/1969), Freud revela que ele mesmo nunca o encontrou pessoalmente e somente teve acesso à sua história por meio do seu livro.

O livro, escrito por Schreber, contém riqueza de detalhes, uma descrição da fenomenologia concernente à experiência psicótica³ que o atravessou. Esse atravessamento foi dilacerante e desde quando se iniciou produziu fortes efeitos de reformulação e ruptura com sua anterior vida.

A originalidade da leitura freudiana do *Memórias* está ligado ao fato de Freud se deixar fascinar pela rica e complexa trama delirante e se deixar embrenhar nela, reconstruindo todos os seus nexos associativos. Essa postura freudiana determinante de sua originalidade esteve contra corrente da sua época e não reduziu a produção delirante de Schreber à interpretá-la como signo de sua excêntrica patologia. É o que Lacan (1955-56/1988) denomina da “genialidade” freudiana:

o lance de gênio do linguista que vê surgir várias vezes num texto o mesmo signo, parte da idéia de que isso deve querer dizer alguma coisa e chega a reconstituir o uso de todos os signos dessa língua (p. 20).

A reconstrução de todos os usos da língua de Schreber, produto do trabalho de Freud é análoga, segundo Lacan, à tradução da língua estrangeira de Schreber, nesse caso a tradução da sua denominada por ele mesmo: “língua fundamental” (Schreber, 1905/1984, p. 20).

Dessa forma, com esse proceder Freud concede à essa trama a dignidade de ser expressão autêntica de um sujeito em sua reinvenção de si, após o cataclisma da irrupção do seu quadro psicótico. Em seus termos:

O psicanalista, à luz de seu conhecimento das psiconeuroses, aborda o assunto com a suspeita de que mesmo estruturas de pensamento tão extraordinárias como estas, e tão afastadas de nossas modalidades comuns de pensar, derivam todavia, dos mais gerais e compreensíveis impulsos da mente humana; e gostaria de descobrir os *motivos* de tal transformação, bem como a *maneira* pela qual ela se realizou. Com este objetivo em vista, desejará aprofundar-se mais nos pormenores do delírio e na história do seu desenvolvimento (Freud, 1911/1969, p. 28). [itálicos nossos]

O que Freud anuncia aqui é de suma importância, pois valoriza estas “estruturas de pensamento extraordinárias”, a ponto de supor que elas possam ser tomadas como produção legítima de um sujeito, assim como de que elas poderiam lançar luz, em contraponto, a nosso funcionamento habitual. Lacan segue os passos de Freud mas ressalta o que Freud de certa forma também não deixa de isolar com relação aos transtornos de linguagem:

Com o auxílio do que o Dr. Schreber nos conta nas *Memórias*, temos agora de esforçar-nos por chegar a uma visão mais exata de seus sistemas teológico-psicológico, e devemos expor suas opiniões sobre os *nervos*, o *estado de beatitude*, a *hierarquia divina* e os *atributos de Deus*, em seu nexos delirante [manifesto] (Freud, 1911/1969, p. 25).

³ O termo *psicose* está incluído na aceção mais geral da Classificação usada pelo DSM 5 e pelo CID-10 entendido com o código F.20, correspondente à “Esquizofrenia”. (CID-10. *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde*, 1997 & DSM-5. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, 2014). Porém aqui, referimo-nos sempre ao trabalho de J. Lacan com as psicoses como estrutura subjetiva e não apenas como quadro psiquiátrico. Ver em: (1958) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*, p. 562.

A partir disso, o que mais vai interessar a Lacan (1955-56/1988) são as alterações no uso habitual da linguagem: “A promoção, a valorização na psicose dos fenômenos de linguagem é para nós o mais fecundo dos ensinamentos” (p. 171). Estes elementos, os neologismos, por exemplo, mostrarão seu caráter funcional relevante a partir da trama de Schreber, ao contrário de serem entendidos em defasagem com relação ao que seria considerado como o funcionamento ordinário da linguagem.

Tanto a valorização dos transtornos da linguagem, como a recomposição da sua língua própria constituem bússola que orienta tanto Freud como Lacan a definirem o papel do psicanalista como aquele que irá promover, segundo Éric Laurent, a “inclusão do sujeito no texto”. Laurent (1988/1990) vai afirmar nesse sentido que

A introdução, então, da categoria ‘sujeito’ pelo psicanalista, conduz em primeiro lugar a considerar o texto psicótico como ficção e repartição de gozo, e em segundo lugar, a fazer valer essa função do texto, não como descolamento de identificações senão, falando estritamente, como forma de esvaziamento de gozo (p. 106). [tradução livre do espanhol].

Para Laurent, a inclusão do sujeito no texto requer por parte do psicanalista o entendimento da função que desempenha a construção delirante, como uma ficção simbólica que distribui o gozo⁴ e dessa forma gera seu esvaziamento. Para entender isso, primeiro vamos situar o que é o sujeito para Lacan, para depois definir o que seria essa função que a trama delirante de Schreber promove.

O sujeito, na definição de Lacan (1968-69/2008) se situa em uma hiância, está sempre entre dois, entre duas palavras, não é passível de ser apreendido por nenhuma definição ou sentido, é o que dele sempre escapa. Por isso, o que refere Laurent sobre incluir o sujeito no texto, não significa enxertar essa hiância no texto, o que seria incluir algo que não estava lá antes. Mas materializar algo que já se supõe estar lá, nesse “entre” ou hiância. Espaço este onde o inconsciente habita, e que o psicanalista em uma análise busca presentificar no texto do analisando. Essa hiância na neurose aparece sempre intervalar.

Porém, na psicose ocorre que o intervalo já é materializado pelo próprio paciente. Por exemplo, ao invés de o sujeito estar entre dois significantes, ele se traduz pelo postulado delirante, ou seja, isso se presentifica por meio de um neologismo, tais como os usados por Schreber (1905/1984), “estado de beatitude”, “os nervos”, “atributos de Deus” etc (p. 31). A hiância já é então materializada de forma espontânea. Por isso, o psicanalista não precisa materializar o inconsciente no texto, pois ele já está lá. É o que leva Lacan (1955-56/1988) a afirmar que se trata, na loucura, de um inconsciente a céu aberto. Por isso, Freud (1911/1969) entende tão facilmente que a construção delirante é homóloga às formações do inconsciente.

Logo, retomando a citação de Laurent, além da função da construção delirante na psicose materializar o sujeito no texto, essa construção também tem a função de distribuir o gozo. E essa distribuição promove o seu esvaziamento e, com isso, o seu tratamento. O que significa exatamente isso?

Ao invés de ser avassalado pelo gozo de Deus, experiência na psicose que faz Lacan (1955-56/1988) usar a expressão “mártir do inconsciente”, o psicótico ao localizá-lo em seu axioma delirante pode enxugar dessa maneira um gozo desregrado (p. 153).

Esse gozo desregrado é o que deixava Schreber (1905/1984) entregue à posição de puro objeto, o que ele nomeia com a palavra “perfidia”, destacada também por Lacan para se referir às relações de puro capricho que Deus mantinha com ele: “Mas ao mesmo tempo se revela aí toda a *perfidia* da política que se seguiu com relação a mim” (p. 154) [itálico nosso]. Essa frase expressa forte indignação por parte de Schreber por ter sido produto de toda uma articulação feita por esse Deus.

Para concluir a introdução e a fim de prosseguir na leitura, vamos corroborar a já referida “genialidade” freudiana, reforçada também por Lacan, em toda sua originalidade, na sua singular abordagem à trama delirante de Schreber. É o que fez de Freud, o pioneiro a considerar a produção de um psicótico como a solução subjetiva para o seu padecimento. Assim, Freud abre as comportas da loucura sem nenhum pudor.

⁴ Gozo é conceito lacaniano homólogo ao que Freud formalizou a partir da sua pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (1925-26) Vol. XVIII, e retomado por Lacan em *Seminário 5: As formações do inconsciente* (1958). Significa pulsão que ameaça a homeostase do princípio do prazer. Misto de prazer e dor (Vieira, M. A., 2005).

Freud certamente, não repudiaria que a ele se atribuisse esse texto, se foi no artigo em que o promoveu à categoria de caso que ele declarou não ver indignidade, nem mesmo risco, em se deixar guiar por um texto tão brilhante, mesmo tendo que se expor à censura de estar delirando com o paciente, o que não parece havê-lo comovido.... A liberdade que Freud se deu aí foi simplesmente aquela, decisiva em tal matéria, de introduzir o sujeito como tal, o que significa não avaliar o louco em termos de déficit e de dissociação das funções. Já a simples leitura do texto mostra com evidência que não há nada parecido nesse caso (Lacan, 1966/2003, p. 29).

A liberdade com que Freud se deixou fascinar pelo texto de Schreber teve consequências das quais nos beneficiamos até hoje. É o que nos convida a nos enveredar nesse fabuloso universo, advertidos da escolha freudiana que essa leitura implica. Uma escolha que não deixa de levar em conta o sujeito do texto e a sua promoção à categoria central. Seguiremos, portanto, seu rastro. Nessa trilha, nosso interesse recairá sobre a atividade da escrita desse livro autobiográfico de Schreber e sua posterior publicação, motivados pela seguinte pergunta: qual importância na sua estabilização do fato de Schreber ter escrito seu livro e depois torná-lo público?

O caso de Schreber

Vamos agora expor uma breve história da loucura de Schreber baseada na escrita do próprio Schreber e amparados pela sinopse biográfica realizada pela tradutora do seu livro para o português, Marilene Carone, que consta no prólogo do *Memórias* além de, é claro, influenciados pela leitura freudiana.

Daniel Paul Schreber (1842-1911) fez carreira de jurista e sua primeira crise foi próxima ao momento em que havia recebido nomeação a um cargo mais elevado do que possuía até então, o cargo de Juiz Presidente da Corte de Apelação. Em concomitante ocasião, teve um sonho descrito por ele, no qual uma ideia ou pensamento lhe passou pela cabeça entre o sonho e a vigília: “a idéia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito” (p. 45).

O período relativo ao surgimento dessa ideia foi considerado por Freud como o incubador de sua posterior doença. Tal período ocorreu no intervalo entre ter sido nomeado para o novo posto e a assunção do cargo. O conteúdo dessa ideia será central e se tornará mais tarde sua “crença delirante”⁵, configurando um sintagma delirante sobre a emasculação.

A causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de libido homossexual; o objeto desta libido foi provavelmente, desde o início, o médico, Fleshsig, e suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas (Freud, 1911/1969, p. 52).

Freud afirma que o aparecimento dessa fantasia feminina pode ter sido fruto do mecanismo de “transferência”, por meio da qual transferiu uma catexia libidinal homossexual para a pessoa do médico referido na citação acima. Essa ideia ou impulso libidinal, que não pôde ser contido, deu origem ao conflito considerado de cunho patológico.

Conflito libidinal e sua resistência interna, por parte do paciente, por razões desconhecidas, tomou a forma de um delírio de perseguição dirigido ao Dr. Fleshsig. O que posteriormente se transformou em seu delírio, sofrendo a substituição da figura do médico por Deus.

Nesse ponto, Freud (1911/1969) alude a pesquisas recentes da sua época que dirigiam nossa atenção para um estágio de desenvolvimento da libido entre o “auto-erotismo e o amor objetal” (p. 147). Freud faz, aqui também, referência a seu texto: “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/1974), que trata desse tema.

Ele descreve nesse texto rapidamente que todo indivíduo após um período inicial de autoerotismo reúne seus instintos sexuais em direção a um objeto amoroso e daí obtém como resultado a homossexualidade ou heterossexualidade. Porém, diferente do que se imagina após essa escolha ter sido atingida, as tendências homossexuais não são postas de lado ou interrompidas, são simplesmente desviadas de seus objetivos sexuais e aplicadas a novas utilizações.

⁵ A “crença delirante” é expressão cunhada por J. Lacan (1955-56/1988) a partir do Clérambault, (p. 93).

Seguindo a linha freudiana, há dois mecanismos ligados a essa causa: o mecanismo pelo qual o sintoma é formado e o mecanismo pelo qual o recalque não é ocasionado. Nesse sentido, Freud (1911/1969) comenta:

A característica mais notável da formação de sintomas é o processo que merece o nome de projeção. Uma percepção interna é suprimida e, ao invés, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa (p. 81).

Aqui, Freud descreve que o desejo homossexual que é suprimido, renegado, sofre uma deformação e retorna como percepção externa. Mecanismo que foi denominado por Lacan de “foraclusão” inspirado no termo jurídico que significa a privação de uma faculdade ou direito, que por não terem sido executados no tempo devido se tornaram obsoletos. O que permitiu a Lacan traduzir a “Werwergung”⁶ freudiana da lei do lado da recusa (Maleval, 2002).

Sobre esse mecanismo específico das psicoses descrito por Freud, é importante aqui lembrar que, segundo Jean Claude Maleval (2002), o termo “werwergung” usado por Freud para designar exclusão ou rejeição não foi elevado à categoria de conceito técnico. Mas, acabou ganhando status técnico, porque foi muito valorizado por Lacan, que fez uso dele para pensar posteriormente o conceito de foraclusão.

Fruto desse mecanismo forclusivo, teríamos como produto o sintoma paranoico sob a forma de seu delírio de perseguição, no qual Schreber (1905/1984) se sente coagido por Deus a se tornar uma mulher.

A descrição fenomenológica desse processo, contida em seu livro *Memórias* durante os primeiros anos da sua doença, é horripilante. Schreber passa a vivenciar, segundo suas descrições, fenômenos sensórios corpóreos alucinativos, tais como sentir que vive por longos períodos sem estômago, sem intestinos, quase sem pulmões, com esôfago rasgado e as costelas despedaçadas. Essas sensações, interpretadas por Schreber como parte do seu processo de emasculação, faziam parte de toda uma série de alucinações também verbais, visuais, além das senso-perceptivas, seguidas do seu aterrador desencadeamento.

Schreber (1905/1984) descreve que após esses dilacerantes períodos, seus órgãos sempre se restauravam por milagres divinos, denominados “raios”. Em alternância a esses fenômenos, quando estes davam trégua ou cessavam um pouco, sua “feminilidade” se tornava proeminente (p. 50).

Nesses momentos, Schreber (1905/1984) descreve que tem a sensação de que um número enorme de “nervos femininos” já passou para o seu corpo e, a partir dele, uma nova raça de homens originar-se-á por meio do seu processo direto de fecundação por Deus. Somente depois poderá morrer de morte natural e, juntamente com o resto da humanidade, reconquistará seu estado de beatitude.

Logo, nesse momento inicial, antes da elocubração mais consistente acerca do seu postulado delirante, Schreber é forçado a se submeter a esse processo de reinvenção de si. Processo de reinvenção este que é consequência do cataclisma vivenciado por ele. Citaremos a descrição disso por Lacan (1955-56/1988):

As almas não são seres humanos, nem essas sombras com as quais ele lida, mas seres humanos mortos com quem ele tem relações particulares, ligadas a toda espécie de sentimentos de transformação corporal, de inclusões, de intrusões, de trocas corporais. ... Do ponto de vista fenomenológico, e mantendo-se prudente, admirtir-se-á que há aí um estado que pode ser qualificado de crepúsculo do mundo (p. 127).

Esse crepúsculo do mundo é o cenário de toda a sede dos fenômenos, nos quais Schreber (1905/1984) lida com “seres mortos”, e que se mantém ligado mesmo que não queira, fisicamente e mentalmente (p. 50). O que lhe provoca as alterações e transformações de cunho invasivo e dilacerantes em seu corpo. Desde então, o mundo se torna estranho para Schreber, que adentra a um sombrio universo que eclipsa todo o seu anterior universo vigente até o momento.

⁶ Termo em alemão que significa em português “rejeição”, “denegação”, “exclusão”.

É a partir desse momento que Schreber passa a estabelecer forte relação de dependência para com esse Deus, que é o seu interlocutor fundamental. É um Deus que fala não dizendo nada, mas que fala, no entanto sem parar. A relação essencial que Schreber (1905/1984) mantém com esse interlocutor fundamental possui diferentes dimensões. E o que é mais atroz é que esse Deus pode deixá-lo, abandoná-lo sem mais nem menos: “deixar jazer” em alemão (p. 76).

A cada vez que ele perde contato com esse Deus, com quem mantém relação dupla, via verbal e por meio de voluptuosidade, se produz toda uma espécie de fenômenos internos de dilaceramento e dor. Fenômenos intoleráveis, quando essa presença de Deus se retira e o deixa ao léu.

Será esse o Deus, quem lhe fala por meio da famosa “língua fundamental”, composta de neologismos, tais como as expressões, já citadas, “vestíbulos do céu”, “homens feitos às pressas”, “pássaros miraculados”. São expressões sempre marcadas pelo autor entre aspas: “São expressões as quais eu nunca teria chegado por mim mesmo, que nunca ouvi de qualquer outro homem de natureza científica, especialmente médica” (Schreber, 1905/1984, p. 31). São neologismos, os quais ele não reconhece como tendo sido inventados por ele, mas que lhes foram impostos por esse Deus.

as almas aprendem a língua que é falada pelo próprio Deus, a chamada ‘*lingua fundamental*’, um alemão vigoroso, ainda que um tanto antiquado, que se caracteriza especialmente pela grande riqueza em eufemismos (Schreber, 1905/1984, p. 31).

A existência desse vocabulário de certa maneira não prescinde da escrita, no sentido da existência do simbólico na trama das ficções desses neologismos, porém a escrita que vamos abordar aqui está referida à atividade em si de escrever, como veremos adiante. Entretanto, esses neologismos assumem posição bastante peculiar, condensam significações e são diferenciadas das demais palavras que se articulam numa cadeia significante, tal como já foi sinalizado.

A partir dessa breve imersão no universo schreberiano, buscaremos dar ênfase à atividade da escrita que ocupou Schreber e teve como consequência o seu extenso livro com todo o relato do ele passou.

Discussão

A escrita como suplência para Schreber: a transcrição do delírio e sua publicação

As produções discursivas que caracterizam o registro das paranóias desenvolvem-se com toda a força aliás, a maior parte do tempo, em produções literárias, no sentido em que *literárias* quer dizer simplesmente *folhas de papel cobertas com escrita*. Esse fato advoga, observem-no, em favor da manutenção de uma certa *unidade* entre os delírios (Lacan, 1955-56/1988, p. 95). [itálicos nossos]

Essa presente citação é importante para situar o que estamos denominando de atividade de escrever. Neste parágrafo, Lacan define as produções literárias dos pacientes equivalentes à ação de cobrir folhas de papel com escrita. Entendemos essa definição reduzida a tão somente atividade de escrever. Ou seja, quando Lacan se refere às produções “literárias” se trata exclusivamente de encher folhas em branco de escrita e não necessariamente da criação de uma obra literária no âmbito da literatura.

Portanto não se trata do trabalho de um poeta, mas o que poderíamos denominar do ofício de um “escrevinhador”, para contrapor ao de um literato. A esse ofício gostaríamos de dar especial destaque, posto que se define pela atividade que envolve o cobrir folhas em branco de escrita. É o que coloca em evidência Schreber como um “escrevinhador”, e nossa aposta de que essa atividade envolve promover um reforço à unidade do seu delírio.

Logo: para que escreve o psicótico? Nossa hipótese, apoiados em Lacan, e o que nos fez afirmar antes que Schreber busca o reforço da unidade delirante seria: para se objetivar como sujeito. Ou seja, diferente do literato que escreve para criar um mundo ou fazer poesia, o psicótico aqui escreveria para se objetivar como sujeito. O sujeito na psicose entendido tal como já o abordamos na introdução, relativo ao axioma delirante, e sua atividade de escrita nesse caso buscaria o reforço do seu sintagma ou postulado fundamental.

Nós poderíamos resumir a posição em que estamos em relação ao seu discurso quando tomamos conhecimento disso, dizendo que, se ele é com certeza um escritor, *não é um poeta*. Schreber não nos introduz numa dimensão nova da experiência. Há poesia toda vez que um escrito nos introduz em um mundo diferente do nosso... A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo. (Lacan, 1955-56/1988, p. 96). [itálico nosso]

O poeta subverteria o simbólico a partir do material que está prévio no Outro, para produzir novas relações, efeitos, novas perspectivas sobre determinada experiência. O poeta se reinventa, o psicótico quer se objetivar. Mas, porquê?

Schreber não se reinventa, porque ele já é, ele já é a mulher de deus, e se ele escreve é para testemunhar o que ele já é em seu delírio. O que o motiva então a escrever é de ordem diferente. Por isso denominaremos essa escrita de “transcrição do delírio” a partir de Jean Allouch (1995) para enfatizar sua característica testemunhal, portadora de uma verdade já estabelecida e concretizada.

A expressão “transcrição” retirada de Jean Allouch (1995) é a seguinte: “Transcrever é escrever regulando o escrito com base em alguma coisa fora do campo da linguagem. Assim o som, reconhecido fora deste campo” (p. 15). Ou seja: “Escrever se chama transcrever quando o escrito é regulado pelo som, traduzir quando se baseia no sentido” (p. 15). Nessa definição uma escrita que se baseie no som e no que disso se articula em sentido nos interessa especialmente no que tange ao que mais se aproxima de uma característica da escrita testemunhal realizada por Schreber que queremos aqui destacar. Lacan (1955-56/1988) a esse respeito vai afirmar que,

Digamos que o longo discurso pelo qual Schreber nos dá testemunho do que ele se decidiu afinal admitir como solução de sua problemática, não nos dá em parte alguma o sentimento de uma experiência original na qual o próprio sujeito está incluído – é um *testemunho*, pode-se dizê-lo verdadeiramente *objetivado* (p. 94). [itálicos nossos]

Schreber nos dá um testemunho, no qual o seu sujeito se encontra objetivado, incluído no texto como já mencionamos nesta introdução. Ou seja, quando ele escreve sobre os “pássaros miraculados” ou “homens feitos às pressas”, ele materializa o seu ser naquelas palavras. Sua subjetividade aparece assim contida nos neologismos, e sustentado por essas palavras-criações, por isso ele precisa escrevê-las. O sujeito aqui não é suposto como na neurose e nem se encontra entre dois significantes, ele é. E se encontra materializado no texto inconsciente de Schreber a céu aberto, que ele testemunha por meio do que escreve.

O sujeito de Schreber que fazemos referência aqui é produto da trama que ele próprio tece. É o que se constitui como sua resposta subjetiva a esse Deus real que lhe fala, do qual ele só pode dar o testemunho de sua existência em sua face de presença real e maciça, e que como consequência responde com o seu axioma delirante, ser a mulher de Deus. Mesmo que essa fixidez ou o caráter dessa resposta e destino estivesse em dissonância com a sua anterior vida e não lhe agrade particularmente, parece quanto a isso, não ter saída e o axioma ser sua escolha forçada. Logo, quanto a esse destino, Schreber nada pode fazer a não ser prestar seu testemunho dessa singular solução delirante frente ao pior.

A escrita dessa solução axiomática delirante é o que promove, portanto a “suplência”, pelo fato de reforçar a unidade do delírio e também promover uma objetivação do sujeito por meio da sua materialização. Para situarmos esse termo “suplência”, vamos realizar brevemente, aqui, uma digressão teórica, pois segundo Deffieux (2007), esse termo é um verbo intransitivo em francês, e se refere sempre a suprir alguma falta: um suplente é alguém que ocupa o lugar deixado vazio (La Sagna, 2007). Esse verbo apareceu pela primeira vez em Lacan, segundo Deffieux (2007), em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58/1998), indissociado à forclusão do Nome-do-Pai, em compensação do vazio da forclusão paterna na psicose em Schreber.

Em consequência disso, como nos demonstra Schreber, vemos como uma ruptura ou desencadeamento pode ocorrer justamente quando a suplência que funcionava como uma sutura deixa ou pára de funcionar.

Entretanto é importante aqui não deixar de mencionar, que o termo “suplência” segundo Deffieux (2007) ligado ao vazio proporcionado pela forclusão do Nome-do-pai promove a psicose como deficitária com relação à significação fálica e a suplência do Nome-do-Pai. O Nome-do-Pai para Lacan

está ligado ao aparelho regulador do Édipo, ao qual a linguagem está submetida. Esse significante colocaria ordem na linguagem, inscrevendo o sujeito na lei simbólica. (Deffieux, 2007). Para tal “O mito individual do neurótico” (1953/2008), assim como “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise” (1953/1998) são os textos consagrados nos quais Lacan desenvolverá o conceito do Nome-do-Pai.

Por isso, mais adiante no seu ensino, Lacan, em 1970, vai reduzir a prevalência da função paterna na psicanálise, a partir da introdução dos nós borromeanos. Assim, o termo suplência “ligado à forclusão do Nome-do-Pai do Édipo torna-se um termo datado” (Deffieux, 2007, pp. 373-374). Tal noção, entretanto, ganha vida especialmente a partir do seu *Seminário 23* (1975-76/2007).

Saindo dessa digressão teórica, poderíamos então dizer que o sujeito objetivado por Schreber pela atividade da escrita ao ser carimbado por essa atividade tem como consequência um reforço na sua suplência? Aplicando a definição de suplência acima, entenderíamos que o que esteve para Schreber no lugar do furo forclusivo deixado pela não operação da significação fálica, foi preenchido posteriormente com o sintagma ou metáfora delirante: “eu sou a mulher de Deus”.

Nossa hipótese é que ademais dessa suplência pelo axioma delirante existe um ganho a mais que só a atividade de escrever estabelece. E que no caso de Schreber, como já citado denominamos de “transcrição do delírio”.

E quanto à publicação? Vamos agora, antes de concluir, fazer uma breve pausa para considerar algo a respeito dessa dimensão. Schreber (1905/1984) tinha a ambição de tornar o seu texto conhecido.

tenho apenas o objetivo de promover o conhecimento da verdade em um campo de maior importância, o religioso. Tenho a inadmissível certeza de que disponho deste domínio, de experiência que – uma vez obtido o conhecimento geral de sua exatidão – poderiam atuar da maneira mais frutífera possível sobre o resto da humanidade (p. 20).

Aqui, Schreber deixa claro sua ambição e seu desejo de tornar públicas e conhecidas suas formulações a respeito das construções delirantes a que havia chegado. E, ademais tinha a convicção de que o que serviu para ele poderia ser útil para o resto da humanidade. Sobre essa intencionalidade de publicação, nos termos de Lacan (1955-56/1985-88):

De que se trata nesses testemunhos delirantes? Não digamos que o louco é alguém que vive sem o reconhecimento do outro. Se Schreber escreve essa obra enorme é justamente para *que ninguém ignore a respeito do que ele sofreu*, e mesmo para que, nessa circunstância, os especialistas venham *verificar em seu corpo* a presença dos nervos femininos pelos quais progressivamente ele foi penetrado, a fim de objetivar a ligação singular que foi a sua com a realidade divina. Isso se propõe justamente como um esforço para ser *reconhecido* (p. 94). [itálicos nossos]

Esse desejo de reconhecimento aqui vale ser esclarecido. Poderíamos inferir a partir da citação de Lacan, que o que ele gostaria que fosse reconhecido pelo Outro é da ordem de uma verificação “objetiva” da presença divina em seu corpo. Um reconhecimento que seja verificável. Mas de que ordem seria esse verificável? Para isso precisaríamos primeiro definir rapidamente, o estatuto dado pelo Outro por Lacan na psicose, o que nos ajudará a entender isso.

Lacan, no *Seminário 3* (1955-56/1988), diz que o grande Outro é aquele diante do qual todo nós nos fazemos reconhecer. Mas, para tal, ele deve ser antes reconhecido. A dimensão da reciprocidade é necessária para que se possa fazer valer o lugar ocupado pelo sujeito no mundo: “Você é meu mestre”, “Você é minha mulher” (p. 65). Isso é o que faz cada um entrar no jogo dos símbolos, uma vez que nele se é forçado sempre a se comportar segundo alguma regra.

E na psicose? O psicótico, assim como todos nós, também não vive sem o reconhecimento do Outro. E, nesse caso, o reconhecimento é buscado a partir do testemunho vivo, ou da verificação real no corpo da presença divina pelo Outro.

Porém o que vale, aqui, ressaltar é que o reconhecimento no caso de Schreber reivindica que o Outro não ignore o que ele passou. Mas, não depende de um atestado advindo do Outro para que a experiência dele ganhe existência. O “você é meu mestre” ou “você é minha mulher” em Lacan (1955-

56/1988) implica que no ato de nomeação do Outro, algo que já estava lá, passa a ser, logo nesse âmbito o sujeito se define a partir do Outro (p. 65). A nomeação nesse caso criaria um lugar.

Porém em Schreber, o que vimos até então revela que o sujeito objetivado, que se materializa no ato de escrita, já está de antemão definido, não depende do atestado do Outro para ser. Ele já é a mulher de Deus, sem Outro, nesse sentido. O Outro com quem ele se relaciona é o da metáfora delirante.

Como consequência disso, essa certeza Schreber não vai ser obtida do ato de nomeação do Outro, como no neurótico, porque ele já a tem. No que ele então busca reconhecimento? Schreber quer que todo o mundo saiba o que ele já sabe, e ainda almeja conferir legalidade a isso.

É o que Schreber (1905/1984) atesta na sua intenção quando publica. Por exemplo, se sabe pelo seu livro que ele batalhou contra a vontade da sua família para tornar pública sua história. Defendendo querer revelar sua ideia e beneficiar a humanidade com a contribuição de conhecimento científico que poderia daí advir.

E, como consequência de ter se concentrado nessa finalidade, Schreber obteve ganhos em sua vida pessoal, inclusive o resgate de sua capacidade legal, não só na conclusão de sua obra, mas também em seu início. Cito Schreber (1905/1984): “Minha capacidade legal de trabalho foi então reconhecida e restituída a livre disposição de meus bens.” (p. 20).

O fato dele ter atingido reconhecimento na publicação do que lhe ocorreu paradoxalmente tinha como consequência ganhar progressivamente maior liberdade e por fim sua independência. Logo atestamos a razão da sua insistência por esse reconhecimento para que, conseqüentemente, tenha seus evidentes benefícios associados.

E ainda, por outro lado, logrou importante efeito de organizar sua experiência e transformá-la em produto acabado quando a publicou, o que só reforça o reconhecimento da objetivação subjetiva que sua construção delirante lhe proporcionou.

Considerações finais

Vimos com Schreber que a suplência realizada por meio do estabelecimento da sua metáfora delirante é reforçada pela atividade da escrita e sua conseqüente publicação. O aspecto relativo à atividade em si de escrita, o que também denominamos de atividade de escrita e “transcrição” com Jean Allouch (1995) do delírio foi o que tentamos promover aqui como a operação central ligada à suplência.

Ou seja, a construção da própria metáfora delirante já remete a uma construção ficcional simbólica e por isso também habita a dimensão da escrita em nível do simbólico, expresso pelo inconsciente a céu aberto. Mas buscamos dar protagonismo à atividade em si da escrita, expressa pelo fato do escrevinhador preencher uma folha de papel em branco, em detrimento do caráter “simbólico” contido desde já no ato de criação da própria trama delirante.

Portanto, nosso principal interesse recaiu mais especificamente sobre a atividade de escrita na sua dimensão de “transcrição”. Operação esta que é entendida como a transposição da experiência senso-perceptiva de cunho alucinatório para os neologismos ou axiomas delirantes. Essa operação se conecta com o efeito, que com Lacan vimos estar ligado ao que um psicótico busca quando escreve, movido pela necessidade de se objetivar como sujeito.

Objetivação de suma importância que vimos estar ligada à materialização do sujeito no texto, materialização da hiância do sujeito intervalar que na psicose é preenchido de forma suplenciada pelo axioma delirante. Do que podemos nos aproximar no caso de Schreber.

Ali, quando Schreber escreve a sua “língua fundamental”, a deformação da língua trata de dar lugar ao que não cabe em lugar nenhum relativo ao gozo invasivo ao qual Schreber está submetido. Gozo este que aparece na sua relação libidinosa e imperativa com o Deus que lhe fala e com o qual ele continuamente depende e se relaciona.

Por essa razão é imprescindível levar em conta no tratamento das psicoses com Lacan e Freud a escrita possível que cada psicótico pode vir a dar a respeito do que lhe invade. Nesse sentido, a escrita aqui referida será entendida nos dois aspectos, o primeiro relativo à escrita simbólica da trama delirante e o segundo quanto à atividade de escrever essa trama.

As conseqüências para Schreber de concluir seu livro foi separador desse mesmo gozo que o fez escrevê-lo. O que não significa que isso tenha configurado uma solução definitiva, mas Schreber em parte foi bem sucedido na promoção da sua suplência graças a ter conseguido escrever e depois publicar o seu *Memórias*.

E por ultimo, Schreber obteve com a publicação que ninguém ignore ou esqueça o que ele passou, e assim pôde cavar reconhecimento no Outro acerca dessa sua experiência que lhe deu nova existência. Reconhecimento tal que permitiu Schreber reconquistar seus direitos como cidadão e liberdade civil.

Referências

- American Psychiatric Association (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. DSM-5*. Porto Alegre: Artmed.
- Allouch, J. (1995). *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*. (D. D. Estrada, Trad.).- Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Carone, M. (1984). Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In D. P. Schreber. *Memórias de um doente dos nervos* (pp. 7-19). (M. Carone, Trad.) Rio de Janeiro: Graal.
- Deffieux, J.-P. (2007). Nome-do-Pai e Suplência. *Opção lacaniana, 50*, 373-375.
- Freud, S. (1886-1939/1969-1980). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1911/1969). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)* (Vol. XII). Local: editora.
- Freud, S. (1914/1974). *Sobre o narcisismo: uma introdução* (Vol. XIV). Local: editora.
- Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar
- Lacan, J. (1953/2008). *O mito individual do neurótico, ou Poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1955-56/1988). *Seminário 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1957-58/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: Lacan, J. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1966/2003). Apresentação das Memórias de um doente dos nervos. In: Lacan, J. *Outros escritos*, (pp.219-223), Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1968-69/2008). *De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1975-76/2007). *O Seminário 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- La Sagna, Carole Dewambreches (2007). Suplências e Nome-do-Pai. *Opção Lacaniana, 50* / Dezembro 2007.
- Laurent, É. (1988/1990). El sujeto psicótico escribe. In Autor/org? *La psicosis en el texto* (pp?). Buenos Aires: Manantial. Deve ser apresentado depois das obras de Lacan: vide ordem alfabética.
- Maleval, J.-C. (2002). *La forclusión del Nombre del Padre. El concepto y su clínica* (1a ed.). Buenos Aires: Paidós.
- Organização Mundial da Saúde (1997). *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde*. (10a ed. rev.) São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Schreber, D. P. (1905/1984). *Memórias de um doente dos nervos* (M. Carone, Trad.). Rio de Janeiro: Graal.
- Vieira, M. A. (2005). Objeto e Nome do Pai. In Chamorro, Jorge et al. *Scilicet dos nomes do pai. AMP*. Rio de Janeiro: EBP, 2005.

Recebido em 21/05/2017

Aceito em 17/11/2017

Bruna Musacchio Guaraná: graduada em Psicologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010) e mestre em Psicologia Clínica, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2016). Atualmente é psicóloga clínica e doutoranda em Teoria Psicanalítica, na Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2017; orcid.org/0000-0003-0870-4013.

Marcus André Vieira: graduado em Medicina, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1988), Diplôme d'études approfondies en Psychanalyse - Université de Paris VIII (1991) e doutorado em Psicanálise (Doctorat Nouveau Régime - Université de Paris VIII (1996). Atualmente é professor assistente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Seu campo de atuação é a Psicanálise a partir da leitura lacaniana de Freud. Tem experiência na área de saúde mental. Atualmente seu tema de pesquisa é A voz e os limites: aspectos de uma alteridade sem corpo na experiência analítica e na configuração subjetiva contemporânea; orcid.org/0000-0002-0383-8218.